

Os Revoltosos do Pampa

Por Anderson Romário Pereira Corrêa.
Este texto foi publicado pela primeira vez no
Jornal Diário de Alegrete; Ano VIII; nº 1412;
de 04 e 05 de junho de 2005; p.12.
E-mail: arpcorre@bol.com.br

Remanescentes da tradição Umbu, os povos pampeanos, mais conhecidos como: Charruas, Minuanos e Iarôs; habitavam o território do atual município de Alegrete e região a mais de 10.800 anos. Destes, a presença mais significativa era dos Minuanos. Viveram aqui até aproximadamente a metade do século XIX, onde encontramos alguns relatos da sua existência. Estes índios foram classificados como Guenoas ou Guaicurus do Sul, por alguns estudiosos, e após a introdução do cavalo atual, tornaram-se hábeis cavaleiros.

A historiadora alegretense Maria Ignácia de Souza Antunes, destaca o fato de haverem sido batizados alguns caciques guenoas pelos padres jesuítas aproximadamente pelos anos de 1674: Inácio, D. Gregório e D. José. Outros nomes de caciques resgatados pela pesquisadora foram: Jagueretê, Cloiam Guaiancai, Nocuibilen, Mazadar e Tomoi,...era chefe principal o cacique Zavati. Embora batizados, não aderiram à catequese.

Os Minuanos, de acordo com Olyntho San Martin, eram tipos fisicamente inferiores aos guaranis e diretamente ligados aos charruas. Alguns historiadores dão-lhes as mesmas qualidades e língua dos charruas com característica de tribos independentes. O mesmo autor cita José de Saldanha, que descreve assim os Minuanos: "(...) estes são pela maior parte corpulentos ..., porém as mulheres quase todas de meia estatura. (...) as suas mudáveis casas chamam toldo e seu ajuntamento toldaria.... Costumam estes índios minuanos, em sinal de sentimento, quando morrem algum dos parentes mais chegados, ferir as costas com pequenos golpes ou picadas, algumas vezes chegam ao maior excesso em sua mágoa, pela falta dos filhos, cortando as falanges ou partes extremas dos dedos mínimos, pelas juntas (...)"

João Cezimbra Jacques nos oferece outra narrativa sobre os minuanos: "Os índios **minuans**, vulgo minuanos, eram como os charruas cavaleiros, sabiam amansar bem os cavalos e, na paz como na guerra, sabiam, como aqueles, utilizar-se deles perfeitamente. (...) vivendo no estado nômade, usavam casas ambulantes cuja cobertura era de esteira de caraguatá ou de taboa e cada tribo ou toldo, não passavam de bandos de 50 famílias, mais ou menos, juntando-se as tribos da mesma nação em tempos de guerra, de modo a constituírem de força numerosa, que combatiam fazendo uso da flecha, da lança, das bolas e das fundas."

De acordo com o último, temos um excelente relato sobre a relação de amizade entre Gaspar Nunes de Miranda – sogro de Vasco Alves Pereira, que vem habitar o hoje 4º Subdistrito de Alegrete a partir de 1803 – com caciques charruas e minuanos. O mesmo historiador cita outro fato presenciado na propriedade de Manoel Dornelles: "(...) Há 22 anos, mais ou menos (1890), que indo em viagem para Uruguaiana, alcançando a entrada da noite, a casa do sr. Manoel Dornelles, demos o "ô de casa" e fomos recebidos por esse cavalheiro conhecido por Manequinho Dornelles. (...) Nesse intermim chegou até ele um índio, que lhe falara, retirando-se em seguida.(...) Disse-nos o sr. Dornelles: "Esse índio velho que aí vêem os srs., é charrua, foi encontrado muito criança ainda pelo meu avô, nesses campos que margeiam o rio Inhanduí, no meio das macegas e assim trazidos pras casas e criado aqui."

Os Charrua/Minuanos não se submeteram, como os Guaranis à Encomienda, à Mita ou à Redução. Estes índios pampeanos travavam verdadeiros combates contra os portugueses e espanhóis que buscavam a conquista de suas terras. Participaram por 300 anos de todas as lutas de conquista da Banda Oriental, Tratados de Limites, etc... Durante a Revolução Farroupilha havia grupos charruas incorporados nos exércitos revolucionários e legalistas imperiais.

O significado da palavra Charrua, segundo Juan Manuel de La Seta é: Somos turbulentos e revoltosos. Os últimos sobreviventes dos Charruas/Minuanos foram atraídos para uma emboscada, onde foram exterminados, pois os campos deveriam ficar livres da presença de seus verdadeiros donos. Foram as batalhas de Salsipuedes e de Mataojos (no Uruguai).

Bibliografia:

- Antunes, Maria Ignácia de Souza. Raízes Sócio Econômicas de Alegrete. 1995.
Jacques, João Cezimbra. Assuntos do Rio Grande; 1º Ed. 1912.
San Martin, Olyntho. Bandeirantes no Sul do Brasil.
Becker, Ítala Irene Basile. As populações indígenas do Rio Grande do Sul... Coleção Arqueologia, EDIPUCRS; 1995.